

# Reflexão acerca da formação em cinema e audiovisual no ISArC e na UBI: uma análise comparativa

*Angélica Novela*

Instituto Superior de Artes e Cultura, Moçambique

*Paulo Cunha*

Universidade da Beira Interior

DOI: <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2025.48/pp.65-80>

## Resumo

Tendo como ponto de partida um dos objetivos propostos no âmbito da mobilidade de professores da Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP), que visa a melhoria e/ou criação de novos currículos de estudos e metodologias de ensino, este texto propõe-se analisar os cursos de licenciatura em Cinema e Audiovisual do Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC) em Moçambique e da Universidade da Beira Interior (UBI) em Portugal. A partir de uma abordagem comparativa, propomos uma análise das propostas pedagógicas e os desafios enfrentados por ambas as instituições na formação de profissionais do Cinema e Audiovisual.

Em termos metodológicos, este estudo propõe a operacionalização de estratégias complementares: análise qualitativa através de um método comparativo, que permitiu identificar semelhanças e diferenças entre os programas de formação, considerando aspetos como estrutura curricular, abordagens pedagógicas e transferência de conhecimento em cada instituição; revisão da literatura; estudo de caso; e observação participante.

**Palavras-chave:** Cinema, Audiovisual, ISArC, UBI, Moçambique, Portugal.

## Abstract

Taking as a starting point one of the objectives proposed within the framework of the mobility of teachers of the Association of Portuguese Language Universities (AULP), which aims to improve and/or create new curricula and teaching methodologies, this text proposes to analyze the degree courses in Cinema and Audiovisual of the Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC) in Mozambique and the Universidade da Beira Interior (UBI) in Portugal. Using a comparative approach, we propose an analysis of the pedagogical proposals and the challenges faced by both institutions in training film and audiovisual professionals.

In methodological terms, this study proposes the operationalization of complementary strategies: a qualitative analysis through a comparative method, which allowed us to identify similarities and differences between the training programs, considering aspects such the curricular structure, pedagogical approaches and knowledge transfer in each institution; literature review; case study; and participant observation.

**Keywords:** Cinema, Audiovisual, ISArC, UBI, Mozambique, Portugal.

## Introdução

O Cinema foi uma das artes mais impactantes do século XX, e mesmo com a concorrência de outras formas de expressão mediática, neste século XXI continua

a ter um papel relevante na sociedade e nos sistemas de ensino. Apesar de ser uma das mais lucrativas indústrias do entretenimento, hoje reconhecemos também o valor artístico e cultural do Cinema.

Em ambos os países, de formas distintas, o Cinema foi um instrumento de resistência e de afirmação de uma identidade e memória nacionais. Em Portugal, durante grande parte do século XX, foi uma forma de resistência a um regime autoritário de matriz patriarcal e colonial, que reprimiu a população autóctone e oprimiu populações de vários territórios sob administração colonial, como Moçambique. Nesse país do sudeste do continente africano, o cinema foi também uma forma de resistência, contra um agente colonizador externo, e uma forma de construção da identidade nacional, com uma política pública de investimento na produção e disseminação de narrativas através do sistema cinematográfico.

Nos últimos anos, tanto em Moçambique como em Portugal, as instituições de ensino superior passaram a desempenhar um papel crucial na formação de profissionais em cinema, ajudando a moldar a produção cinematográfica local e global. A ideia de realizar este estudo sobre os currículos dos cursos de licenciatura em Cinema e Audiovisual do ISArC e em Cinema da UBI partiu da necessidade de compreendermos a evolução do pensamento pedagógico em Moçambique e em Portugal sobre Cinema e a influência destes na ação docente, que foi determinada pela experiência de mobilidade dos dois autores deste estudo nos respetivos cursos.

Em termos metodológicos, este estudo propõe a operacionalização de estratégias complementares: uma análise qualitativa através de um método comparativo; revisão da literatura; estudo de caso; e observação participante.

Em relação ao primeiro, Reza Azarian aponta algumas das suas mais evidentes potencialidades: “análise comparativa é útil porque, ao tomar em consideração ações e acontecimentos sociais pertencentes a outros contextos, permite-nos ver melhor a base implícita e muitas vezes assumida das nossas próprias práticas e fenómenos”; “A comparação possui, portanto, o potencial de revelar e desafiar as nossas suposições e concepções menos evidentes sobre o mundo, especialmente a familiar de nós próprios”; “Além disso, pode também servir para a identificação de problemas e questões que não seriam visíveis sem ela, uma vez que se é levado a supor que algo de análogo deveria ou poderia ter ocorrido noutra lugar” (Azarian, 2011, p. 117).

No entanto, o mesmo autor também aponta algumas limitações que importa lembrar: “A comparação é uma estratégia metodológica bastante exigente que requer reflexão e ponderação”; “Uma das questões mais básicas diz respeito à autonomia das unidades selecionadas para comparação. Como são selecionadas

várias espécies de entidades são escolhidas para serem comparadas, há muitas vezes um pressuposto subjacente e tácito sobre a sua autonomia e uma tendência silenciosa para ignorar as complexas interações e influências mútuas entre as unidades”; “tende muitas vezes a minar ou, pelo menos, a enfraquecer as possibilidades de efetuar uma comparação equilibrada, ou seja, uma comparação caracterizada por uma atenção igualmente exata e igualmente abrangente prestada a todas as unidades comparadas” (Azarian, 2011, pp. 120-121)

Finalmente, Azarian conclui que qualquer comparação é uma construção no sentido em que discerne quais os elementos ou segmentos da realidade social que devem ser relacionados uns com os outros e segundo que dimensões, trazendo à tona o que, de outra forma, está escondido na totalidade da realidade social. Enquanto construção, a comparação ajuda a criar uma perceção ordenada dessa realidade, devemos manter os investigadores conscientes do tipo de ordem que produz (Azarian, 2011, p. 123).

Entre os diversos elementos que poderíamos comparar, atendendo ao tempo disponível, optámos por fazer uma análise comparativa dos planos curriculares de ambos os cursos. O plano curricular é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados, sendo que o currículo corporifica relações sociais.

Não existe muita produção bibliográfica específica sobre a análise de currículos na área dos estudos filmicos em Moçambique ou em Portugal, pelo que se tornou necessário expandir a pesquisa para contextos externos. Apesar de apresentarem realidades e níveis de complexidade diferentes, essa revisão bibliográfica ajudou a recolher novos dados e a consolidar reflexões sobre o objeto concreto de estudo. Esta revisão foi particularmente útil na análise do estudo de caso: decidimos escolher a disciplina Teoria do Cinema para uma análise mais detalhada por ser uma das disciplinas com correspondência direta em ambos os currículos e que tem uma importância reconhecida na estrutura de ambos os cursos e de qualquer outro curso de cinema.

Finalmente, graças ao programa ProCultura+ da AULP, os dois autores deste texto puderam participar numa mobilidade nas duas instituições aqui em estudo, interagindo com estudantes, docente e demais funcionários, conhecendo as instalações e equipamentos disponibilizados à comunidade académica. Para além de reuniões institucionais, foi possível também lecionar aulas e interpelar diretamente os estudantes em sessões de visionamento e discussão de filmes ou

excertos de filmes. Esta observação participante, intimamente relacionada com os métodos de investigação “qualitativos” e “etnográficos”, oferece possibilidades além da análise documental dos currículos, permitindo que os autores conhecessem diretamente “a interação e os processos humanos, as relações entre as pessoas e os acontecimentos, a organização social da existência humana, os padrões, as continuidades, bem como as ruturas, e os contextos sociais e culturais imediatos em que a vida humana se desenrola” (Jorgensen, 2020, p. 26).

Em suma, foi nestes distintos contextos nacionais e institucionais que este breve estudo se inseriu, procurando contribuir para a compreensão das trajetórias dos planos curriculares da área de concentração em Cinema e Audiovisual e das suas disciplinas, para melhor elaboração de propostas alternativas às vigentes. Atendendo à publicação onde será lida, procurámos também que este texto possa fomentar novos intercâmbios de conhecimento entre estudantes e professores que, na Europa e em África, falam português no seu quotidiano e se preocupam com o seu potencial intercultural.

### **1. Instituto Superior de Artes e Cultura e a licenciatura em Cinema e Audiovisual**

O Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC) foi a primeira instituição de ensino superior na área das Artes e Cultura fundada em Moçambique. Um dos principais objetivos do ISArC é “incentivar, fomentar e desenvolver o aperfeiçoamento, com nível e rigor, de acções de investigação científica, tecnológica, cultural e de natureza aplicada, como contribuição para a elaboração de políticas culturais adequadas para o desenvolvimento do património científico e cultural da humanidade” (Esmeralda, 2024).

O ISArC foi criado em 2008, mas as atividades letivas iniciaram-se apenas em 2010. Numa primeira fase, ofereceu três licenciaturas: Design, Artes Visuais e Animação Cultural. Em pouco tempo, a oferta formativa cresceu com a criação das licenciaturas em Cinema, Dança e em Gestão e Estudos Culturais. Atualmente, o ISArC alberga duas faculdades: a Faculdade de Artes e a Faculdade de Estudos da Cultura (Esmeralda, 2024).

O ISArC começou a sua oferta de cursos em 2010 com três cursos apenas, com uma oferta de 120 vagas. Atualmente, conta com 700 inscritos por ano em todos os níveis nos 5 cursos oferecidos. A totalidade dos inscritos são de nacionalidade moçambicana, sendo que alguns são bolseiros do instituto e outros não. No âmbito do programa ProCultura+ da AULP, o ISArC teve um total de 7 bolsas de mobilidade no ano letivo 2023-2024, sendo que 4 para o curso de Cinema e Audiovisual, 2 para o Curso de Dança e 1 para o curso de Gestão e Estudos

Culturais, este último especificamente para a área do Património Cultural. O ISArC não recebeu alunos em mobilidade

O Curso Superior de Cinema e Audiovisual do ISArC, que teve início em 2015, foi concebido para formar profissionais em estudos teóricos e práticos orientados para os sectores de produção audiovisual, tanto nos géneros de ficção quanto nos de não-ficção. Incluem-se aqui as funções de Realização, Roteiro/Argumento, Fotografia, Sonorização, Montagem e edição de filmes e vídeos, assim como, Produção e Edição de programas de televisão.

Inicialmente, o curso de licenciatura em Cinema e Audiovisual do ISArC, antes da consolidação, contou com três etapas preparatórias, a introdução de dois cursos intermédios e um curso de formação de formadores em Cinema e Audiovisual (2012 e 2013), onde para a sua efetivação contou com os profissionais da área do país. Dois anos depois, em 2015, foram introduzidas as licenciaturas em Dança e em Cinema e Audiovisual.

Podem ingressar para a licenciatura em Cinema e Audiovisual do ISArC os indivíduos que possuam o nível médio do Sistema Nacional de Educação (12.<sup>a</sup> Classe em Letras) ou equivalente, ou que possuam formação cinematográfica ou audiovisual reconhecida pelo ISArC, e sejam aprovados no Exame de Admissão ao ISArC, conforme previsto no Regulamento Pedagógico do Instituto. Contudo, a massificação do ensino formal em Artes e Cultura no nível superior em Moçambique continua refém da falta de uma massificação dos ensinos médio e básico, para que possam consolidar o ensino superior.

A Faculdade de Estudos da Cultura do ISArC pretende contribuir para o desenvolvimento da sociedade moçambicana através da formação de profissionais superiores em Cinema e Audiovisual com a missão de promover a investigação, concepção, avaliação e monitorização de programas, planos, políticas e ações nos diversos sectores culturais catalizadores do desenvolvimento, contribuindo deste modo para a redução dos índices de pobreza e das assimetrias sociais e promovendo os direitos de cidadania, da democracia e solidariedade social.

A licenciatura em Cinema e Audiovisual pretende preparar os seus estudantes tanto para o trabalho como profissional independente, que abastecerá o mercado cinematográfico, publicitário, de produções institucionais e de televisão segmentada, quanto aquele que se vinculará às emissoras abertas. Além disso, forma pesquisadores e professores para instituições de ensino nesta área. As questões centrais do Curso articulam-se em torno do planeamento criativo dos produtos audiovisuais e do tipo de atividade necessária à sua realização, de seus fundamentos técnicos, da história do cinema, e dos princípios teóricos à sua análise e à sua crítica.

## **2. Universidade da Beira Interior e a licenciatura em Cinema**

O que conhecemos atualmente como a Universidade da Beira Interior remonta à reforma do ensino universitário de 1971, que ficou conhecida como “Reforma Veiga Simão”, que deu origem à criação de diversos novos estabelecimentos de ensino superior em várias regiões de Portugal. Um desses novos estabelecimentos surgiria na Covilhã, em 1973, com a designação de Instituto Politécnico da Covilhã (IPC), integrado na estratégia de desenvolvimento regional definida pelo grupo de trabalho para o Planeamento Regional da Cova da Beira.

O objetivo principal seria poder facultar aos naturais da região a possibilidade de prosseguirem os estudos pós-secundários sem que, para isso, tivessem de se deslocar para outros pontos do país, a maioria das vezes a título definitivo, permitindo a fixação de quadros com formação superior. O IPC começou a funcionar em 1975, com os primeiros 143 alunos, inscritos nos cursos de Engenharia Têxtil e Administração e Contabilidade. Em julho de 1979, seis anos passados, a instituição converte-se em Instituto Universitário da Beira Interior (IUBI) (Lei 44/79, de 11 de setembro). Em 1986, no âmbito de uma reestruturação do ensino superior português, o IUBI oferecia curso na área do ensino (concretamente de Matemática e Físico-Química) e passou a designar-se Universidade da Beira Interior (UBI, 2024c).

Em 2024, a UBI acolhe mais de 10 mil alunos, distribuídos por cinco faculdades: Artes e Letras; Ciências; Ciências da Saúde; Ciências Sociais e Humanas; e Engenharia. Os 10 mil estudantes alunos distribuem-se pelos cerca de 150 cursos que a UBI tem a funcionar regularmente, a grande maioria nas 105 formações dos graus de Licenciatura, Mestrado Integrado, Mestrado e Doutoramento. Relevante é o facto de 21% do total de estudantes inscritos serem de nacionalidade estrangeira, estando presentes em todos os níveis de ensino da UBI (UBI, 2024b).

Apesar de a licenciatura em Cinema da UBI ser a única a funcionar no ensino universitário público em Portugal, existe uma oferta abrangente e considerável no ensino politécnico público e no setor privado. Atualmente, após consulta da base de dados da Direção-Geral do Ensino Superior, funcionam em Portugal três cursos de licenciatura com a designação específica de Cinema: Faculdade de Artes e Letras da UBI; Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (privado); e Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa (politécnico) (DGES, 2024a).

Com outras designações que também incluem o Cinema, funcionam ainda mais quatro cursos de licenciatura: Cinema e Artes dos Media (Centro Universitário Lusófona, privado); Cinema e Audiovisual (Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto, politécnico); Escola Superior Artística

do Porto, privado) e Artes e Cinema Digital (Instituto Politécnico de Viana do Castelo, politécnico). Na área específica do cinema de animação, funcionam mais três cursos: Animação Digital (Universidade Lusófona, privado), Design de Animação (Instituto Politécnico de Portalegre, politécnico) e Imagem Animada (Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, público). Na área das Artes Visuais, contam-se mais quatro (Universidade do Algarve, Universidade da Madeira, Universidade do Minho e Universidade Lusófona) (DGES, 2024a).

Com a designação de Audiovisual, funcionam ainda seis cursos: Audiovisual e Multimédia (Instituto Politécnico de Bragança, politécnico; e Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, politécnico), Comunicação Audiovisual e Multimédia (Lusófona Porto, privado), Som e Imagem (Escola das Artes da Universidade Católica, privado; e Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria, politécnico), e Design Audiovisual (Instituto Politécnico do Cávado e Ave, politécnico) (DGES, 2024a).

Em suma, relacionados direta ou indiretamente com Cinema e Audiovisual, no sistema de ensino superior português funcionam atualmente 20 licenciaturas, com um total de cerca de 900 vagas anuais disponíveis.

No contexto da UBI, a licenciatura em Cinema foi criada em 2003, no âmbito da oferta da Faculdade de Artes e Letras, que tinha sido fundada apenas três anos antes. O curso surgiu no Departamento de Comunicação e Artes, tendo transitado em 2018 para o recém-criado Departamento de Artes, inserindo-se na área 213 (Audiovisuais e produção dos media) da Classificação Nacional de Áreas de Educação e Formação em vigor em Portugal. Desde a adoção da declaração de Bolonha, a licenciatura funciona em três anos letivos, com um total de 180 unidade de crédito (ECTS).

Segundo os dados de acesso ao ensino superior disponibilizados pela DGES, a licenciatura em Cinema da UBI tem preenchido sistematicamente as vagas disponíveis: em 2021, 210 candidatos concorreram às 45 vagas disponíveis, 70 dos quais em primeira opção; em 2022, as vagas aumentaram para 48 e os candidatos também aumentaram para 218, 58 dos quais em primeira opção; em 2023, com 50 vagas, foram 246 os candidatos, 82 em primeira opção (DGES, 2024b).

### **3. Plano de estudos: uma análise comparativa**

O curso de licenciatura em Cinema e Audiovisual no ISArC está estruturado em 8 semestres (com um total de 209 unidades de crédito, que equivale a 5.225 horas de trabalho), totalizando 54 disciplinas, sendo 50 obrigatórias e 4 opcionais (ISArC, Plano de estudos Licenciatura em Cinema e Audiovisual, 2024a).

A licenciatura em Cinema na UBI funciona em 6 semestres (com um total de 180 ECTS, que equivale a 4.860 horas de trabalho), totalizando 27 disciplinas, todas obrigatórias (UBI, 2024a).

Como o plano de estudos do ISArC é consideravelmente superior ao da UBI (mais dois semestres, 365 horas de trabalho e o dobro das disciplinas), não é possível fazer uma correspondência exata entre os planos, mas tentaremos fazer uma análise pormenorizada atendendo às suas estruturas e áreas disciplinares.

No ISArC, nos primeiro e segundo anos dominam as disciplinas do tronco comum, nos terceiro e quarto predominam as cadeiras nucleares, sendo também estes dois últimos anos os dois últimos são dedicados à preparação e concretização do trabalho de final de curso e a um estágio a tempo integral (150 horas). No quinto semestre, os estudantes matriculam-se em quatro especialidades, sendo duas obrigatórias (Realização e Produção) e mais duas optativas, de um total de cinco opções (Roteiro/Guionismo, Direção de Fotografia, Direção de Arte, Edição/Montagem e Som).

Na UBI, os três primeiros semestres são dominados por disciplinas teórico-práticas e laboratoriais, enquanto os quarto e quinto semestres são sobretudo dedicados a disciplinas projetuais, culminando com “Projeto Final” no último semestre do curso. Não existe estágio na licenciatura da UBI. Os estudantes frequentam todos o mesmo plano de estudos, sem especialidade definida, mas optam autonomamente por desenvolver funções específicas nas disciplinas projetuais (Produção, Realização, Fotografia/Imagem, Som e Edição/Montagem).

A disciplina com maior número de créditos no ISArC é “Trabalho de Fim de Curso” (10 unidades de crédito = 250 horas), que funciona no último semestre. No entanto, essa disciplina funciona em articulação com “Seminário de orientação (Projecto de Fim de Curso)” (6 unidades de crédito = 150 horas), que funciona no penúltimo semestre. Em conjunto, estas duas disciplinas somam 16 unidades de crédito e 400 horas. Na UBI, a disciplina com maior peso, e a única que tem mais de 6 ECTS, é “Projeto Final” (24 ECTS = 648 horas), lecionada no semestre final do plano curricular.

Há disciplinas técnicas ou laboratoriais comuns nas áreas técnicas específicas: enquanto na UBI, o contato laboratorial dos estudantes com as respetivas áreas técnicas (Edição/Montagem, Imagem/Fotografia, Produção, Realização, Roteiro/Guionismo e Som) é equivalente (162 horas), no ISArC há uma preponderância de Produção (350 horas) e Realização (275 horas), seguida de Imagem/Fotografia (150 horas opcionais), Direção de Arte (150 horas opcionais), Roteiro/Guionismo (75 opcionais), Som (75 horas opcionais) e Edição/Montagem (75 horas opcionais).

Ambos os currículos permitem, nos últimos semestres, o desenvolvimento de

três projetos filmicos na forma de curta-metragem: no ISArC, Oficina de Produção V prevê a concretização de um filme de 5 minutos e Oficina de Produção VI de um filme de 15 minutos, antes do Trabalho de Fim de Curso (filme até 30 minutos); na UBI, Projeto de Cinema I prevê a concretização de um filme de 7 minutos e Projeto de Cinema II de um filme de 10 minutos, antes de Projeto Final (filme até 30 minutos).

Na componente teórica, ambos os planos de estudo contemplam História do Cinema, Análise Fílmica, Teoria do Cinema e Teoria da Narrativa. Para além das disciplinas da área específica de Cinema, ambos os planos de estudo apresentam várias disciplinas das humanidades e ciências sociais: Estética e Ética em ambos; Sociologia, Antropologia, Psicologia, Comunicação e Direito no ISArC; Semiótica, Comunicação e Música na UBI. Em suma, estas disciplinas representam cerca de 20% (43 dos 209 créditos) do currículo no ISArC e cerca de 17% (30 em 180 ECT) do currículo da UBI.

Após a apresentação geral dos cursos do ISArC e da UBI, constata-se que os mesmos são caracterizados, de modo geral, por um equilíbrio entre teoria e prática: no ISArC, 32 das disciplinas são práticas (o que corresponde a cerca de 59%), enquanto na UBI o número de disciplinas práticas é de 13 (cerca de 48%). Em suma, é notório que ambas os cursos valorizam um equilíbrio de saberes entre uma formação científica e uma prática laboratorial alargada.

Os planos curriculares incluem ainda algumas disciplinas que optamos por designar aqui como “especificidade nacional”: “História do Pensamento Africano”, “História de Moçambique Contemporâneo” e “Noções de Linguística Bantu” no caso do ISArC; e “História e Estética do Cinema Português” no caso da UBI. Parece-nos relevante que ambos os cursos dediquem disciplinas específicas a temáticas relacionadas com os contextos sociais e culturais dos territórios onde estão integrados. Ainda que possa parecer uma atitude simbólica, e que as temáticas e objetos abordados nessas disciplinas possam estar disseminadas entre os conteúdos de outras disciplinas, parece fundamental que os planos curriculares de ambos os cursos optem por valorizar esses contextos nacionais específicos, dando assim também um sinal claro da sua orientação aos seus estudantes e até professores.

#### **4. Produção e transferência de conhecimento**

Para além dos planos curriculares, ambas as instituições ampliaram a respetiva oferta formativa aos seus estudantes através da realização de atividades extra-curriculares. Os primeiros destaques relacionam-se com a produção de conhecimento, mais concretamente com a promoção de eventos científicos que reuniram investigadores de diversas instituições nacionais e internacionais.

Em maio de 2024, a UBI acolheu a décima sétima edição das Jornadas Cinema em Português, um evento científico que contou com a participação de dezenas de participantes de diversas instituições científicas portuguesas e internacionais. Desde a primeira edição, em 2008, as Jornadas têm como enfoque a discussão de cinematografias de territórios onde o português é língua oficial ou dominante, procurando integrar estas obras como um exemplo das novas dinâmicas artísticas, culturais e sócio-económicas que têm marcado os anos mais recentes. Essa edição das Jornadas Cinema em Português procura contribuir para analisar e debater problemáticas atuais e pertinentes para a reflexão sobre os cinemas dos diversos países que falam em português, procurando reunir esforços para ensaiar hipóteses de leitura conjunta e complementar (Cinema em Português, 2024).

Em agosto de 2024, em parceria com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb, Brasil) e a Universidade Pedagógica de Maputo (UP Maputo), o ISArC organizou o colóquio internacional “(Re)Africanando os espíritos: memórias, corpos e representações”, que teve lugar na Biblioteca da Universidade Pedagógica de Maputo. A complementar o programa do evento, em setembro, o Instituto Guimarães Rosa (antigo Centro Cultural Brasil Moçambique – CCBM) apresentou mostras de cinema e de dança com a participação de formando e formadores do ISArC e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (ISArC, 2024b).

Ao nível da transferência de conhecimento para a sociedade civil, destacamos mais algumas ações que aconteceram recentemente em ambas as instituições.

Em março de 2023, numa iniciativa da Organização Não Governamental espanhola CESAL, em parceria com o Centro Cultural Ntsyndza, seis docentes do ISArC orientam uma ação de formação sobre Gestão Cultural. Inserido no projeto denominado “NlhamanKultura – Acesso a Cultura, Conhecimentos e Novas Tecnologias no Distrito de Nhlamankulu, Maputo”, o curso teve como destinatários os gestores de grupos artístico-culturais sediadas naquele distrito municipal, mas também técnicos do Conselho Autárquico de Maputo a desempenhar funções na área das Artes e Cultura (ISArC, 2023).

Entre abril e maio de 2024, através do Centro de Formação Interação UBI Tecido Empresarial CFIUTE), o Departamento de Artes da UBI ofereceu dois cursos de curta duração na área do Cinema: Laboratório de Documentário Interativo (Departamento de Artes UBI, Laboratório de Documentário Interativo, 2024b) e Introdução à Animação por Pixilation (Departamento de Artes UBI, 2024a). Dirigidas ao público adulto, estas iniciativas foram organizadas no âmbito do projeto UBImpulso Adultos, financiada pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), ao abrigo do mecanismo NextGenerationEU da União Europeia.

Para além destas atividades, há também a registar uma transferência de conhecimento de fora para dentro, ou seja, da sociedade para o processo formativo na universidade. Entre outras formas, essa transferência faz-se essencialmente pela participação de profissionais do setor em atividades de contato com os estudantes, quer seja sob a forma de masterclasses ou oficinas.

As masterclasses estão previstas na licenciatura em Cinema e Audiovisual do ISArC desde a sua criação, para que o mesmo pudesse beneficiar com a colaboração dos profissionais existentes no país e também estrangeiros. Esta colaboração ocorre sobretudo no primeiro semestre do terceiro ano, na disciplina “Oficina de Assistência de Direção”, de acordo com o plano curricular, mas devido à falta de fundos para pagar os convidados não acontece com regularidade. No ano de 2024, em colaboração com a Associação dos Amigos de Museu de Cinema e com financiamento da Multichoice Moçambique, foi promovida a masterclasse de Realização com o realizador e produtor Fábio Ribeiro.

Ao longo de 2024, a UBI promoveu uma série de masterclasses com profissionais em atividade no setor cinematográfico: com os realizadores e argumentistas José Filipe Costa, Gonçalo Almeida e Eduardo Brito; com o argumentista e produtor Luís Campos; com as diretoras de arte Cláudia Costa Lopes e Anna Cláudia Soares; com Ana Catarina Ferreira e Manuel Oliveira, programadores de festivais de cinema, entre outros.

Em suma, convém destacar esta proximidade de estratégias de relacionamento com a sociedade civil. Ambas as instituições partilham uma política de não encerramento nas suas próprias instalações e de fomento de um diálogo recíproco com o setor industrial da atividade cinematográfica, que também contribuirá para a integração dos estudantes no mercado de trabalho após a conclusão da formação.

## **5. Estudo de caso: a disciplina Teoria do Cinema**

Entre o plano curricular, decidimos escolher uma disciplina para uma análise comparativa mais detalhada. Optámos por uma das disciplinas com correspondência direta em ambos os currículos e que tem uma importância reconhecida na estrutura de ambos os cursos e de qualquer outro curso de cinema.

Ministrada no 3.º semestre da licenciatura em Cinema e Audiovisual do ISArC, a disciplina de Teoria do Cinema (3 créditos = 75 horas) apresenta os seguintes objetivos: “ajudar a formar espectadores críticos de cinema e vídeo, com capacidade para, criticamente, analisar obras audiovisuais a fim de escrever e debater sobre elas com criatividade e rigor metodológico, indicando diferentes formas de inserção dessas obras na cultura a partir dos teóricos do Cinema”; “Apresentar as primeiras das principais teorias do cinema – até os anos 50 – e

suas respectivas possibilidades de inserção entre linhas de força do debate político-cultural”; “Apresentar as principais teorias contemporâneas do cinema; “Capacitar o aluno para (e encorajá-lo a) entrar em debates de estudos de cinema”; “Estimular a autocrítica”.

Na UBI, a disciplina correspondente é Teoria do Cinema I (6 ECTS = 162 horas), que é ministrada no 2.º semestre da licenciatura. Os objetivos são os seguintes: “Determinar as origens do cinema e a sua especificidade enquanto arte”; “Identificar e dominar conceptualmente as principais teorias do Cinema”; “Identificar e estabelecer criativamente a relação entre a teoria e a prática cinematográficas”.

Os conteúdos programáticos da disciplina do ISArC destacam os seguintes teóricos: Ricciotto Canudo, Louis Delluc, Jean Epstein e Germaine Dulac; Hugo Munsterberg, Rudolf Arheim, Sergei Eisenstein e Béla Balaz; Lev Kuleshov, Vsevolod Pudovkin e Dziga Vertov; Jean Mitry e Christian Metz. Os conteúdos programáticos da disciplina equivalente da UBI destacam os seguintes teóricos: Hugo Munsterberg, Vachel Lindsay, Germaine Dulac e Jean Epstein. Ambos as disciplinas apresentam um ponto de vista exclusivamente eurocêntrico ou ocidentalizado: dos três autores partilhados, um é germânico (Hugo Munsterberg, 1863-1916) e os outros dois são franceses (Germaine Dulac, 1882-1942; e Jean Epstein, 1897-1953). Dos restantes, quatro são soviéticos (Sergei Eisenstein, 1898-1948; Lev Kuleshov, 1899-1970; Vsevolod Pudovkin, 1893-1953; Dziga Vertov, 1896-1954), três são franceses (Louis Delluc, 1890-1924; Jean Mitry, 1907-1988; Christian Metz, 1931-1993), um italiano (Ricciotto Canudo, 1877-1923), um alemão (Rudolf Arheim, 1904-2007) e um húngaro (Béla Balazs, 1884-1949).

Especificamente em relação aos estudos fílmicos, Beschara Karam propõe um programa de estudos de cinema e uma pedagogia de ensino “centrada no Outro” (“*an-Other-centred*”):

“O meu argumento em relação à descolonização dos currículos de cinema é ensinar primeiro o cinema africano, colocando-o no centro do programa de estudos, e ler ou interpretar todos os outros cinemas/teorias a partir do ponto de vista deste cinema africano centrado. O cinema africano deve ser ensinado em primeiro lugar, com exemplos fílmicos africanos, e a teoria do cinema africano desde o primeiro ano. Isto daria aos estudantes a teoria fundamental para criticar e analisar todas as outras teorias cinematográficas em relação à teoria cinematográfica e aos filmes africanos, em vez do contrário. (...) E a lente, através da qual tudo deve ser criticado, tem de ser uma lente decolonial e não uma lente anti-colonial. Por outras palavras, não há necessidade de rejeitar completamente as teorias ou os filmes ocidentais, mas sim de centrar os filmes africanos e a teoria cinematográfica africana e colocar o Ocidente na periferia, marginalizando assim os filmes de Hollywood e a teoria cinematográfica euro-americana.” (Karam, 2018, p. 114)

Karam insiste nesta estratégia e dá o exemplo do psiquiatra e teórico francês Frantz Fanon (1925-1961), que defendia a necessidade de “descolonizar a mente antes de mais”, um processo que deve ser acompanhado por um conjunto de competências que permita aos estudantes exprimirem os seus pensamentos e formularem os seus argumentos (Karam, 2018, p. 115). Os métodos de avaliação também deveriam ser reformulados: eliminar as perguntas de escolha múltipla ou, pelo menos, ter perguntas de escolha múltipla que reconheçam o contexto e as realidades sociais dos estudantes que têm de lhes responder; substituição dos exames presenciais por exames realizados em casa ou por consulta; a criação de documentários *found footage* que tratem de questões pertinentes à identidade, cultura, língua, história e terra africanas; a criação de mapas mentais que os próprios estudantes expliquem; e apresentações em que os alunos têm a oportunidade de exprimir as suas ideias e argumentos, com ênfase na oratória (Karam, 2018, p. 123).

Karam sugere ainda que, mais do que olhar apenas aos currículos, é fundamental também descolonizar as instituições, que funcionam como efetivos centros de poder, agência e determinação (Karam, 2018, p. 117). No mesmo sentido, Elizabeth Charles, a desempenhar funções no Serviço de Bibliotecas do Birkbek College de Londres, propõe como estratégia uma efetiva descolonização que passa pela valorização das bibliotecas e do sector da comunicação académica:

“O currículo na educação sempre foi e continua a ser debatido com recurso a diferentes abordagens e terminologias. Na década de 1990, a tónica era colocada num ‘currículo inclusivo’. A ‘descolonização da universidade’ está em voga desde, pelo menos, 2011, na sequência da conferência da Malásia sobre este tema, com a sua procura de paradigmas não eurocêntricos. O recente e proeminente movimento de ‘descolonização do currículo’ pode ser visto como uma continuação deste, com origem na Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul” (Charles, 2019, p. 1)

De acordo com a mesma autora, algumas bibliotecas têm estado ativamente empenhadas em escrutinar o que consta das listas de leitura dos professores como um primeiro passo para aumentar a sensibilização para os preconceitos raciais ou de género nas listas de leitura de uma matéria/disciplina (Charles, 2019, p. 3). O objetivo desta iniciativa não é impor aos académicos o que deve ser incluído nas suas listas de leitura, mas tornar visível a falta história e sistemática de outras vozes e pensamentos, levando assim os especialistas na matéria a reverem o seu currículo com uma nova perspetiva crítica, a investigarem e a alargarem o seu âmbito de ação sobre o que mais deve ser incluído (Charles, 2019, p. 4). Ao reavaliar criticamente o que está incluído nos respetivos currículos – as vozes, as narrativas e as diferentes fontes de conhecimento –, a educação pode ser transformadora tanto do indivíduo (pessoal e/ou estudante) como do impacto que pode ter na disciplina e na sociedade (Charles, 2019, p. 5).

Mesmo Portugal, que se situa numa posição histórica de colonizador em relação a vários países africanos e asiáticos, há processos de descolonização necessários. De acordo com Isabel Macedo, “as relações que se estabelecem entre a população autóctone portuguesa e os imigrantes e seus descendentes são profundamente influenciadas pelas narrativas construídas sobre o passado colonial”, com estereótipos enraizados na memória social dos portugueses que continuam a ser vinculados e a influenciar de forma negativa as relações interculturais (Macedo, 2016, p. 271). A insistência na propagação dessas narrativas hegemónicas sobre o passado colonial português “limita o acesso dos indivíduos a versões alternativas da história, dificultando assim o desenvolvimento de uma perspetiva crítica” (Macedo, 2016, p. 271). A autora considera mesmo que o cinema e o ensino na escola têm um papel central na difusão de determinadas narrativas sobre o passado colonial português (Macedo, 2016, p. 272).

Partindo da ideia de que a memória social e identidade social são processos dinâmicos, cuja (re)construção é influenciada pelos média, Macedo analisa o modo como o cinema “possibilita a reflexão sobre o passado colonial português e as relações interculturais presentes”, considerando que “o imaginário nacional e as memórias dos portugueses foram construídos tendo por base a narrativa de um passado ‘glorioso’, em que os ‘descobrimientos’, o império e a colonização desempenharam um papel central” (Macedo, 2016, p. 276).

### **Algumas reflexões finais**

O estudo dos cursos de Cinema e Audiovisual do ISArC e de Cinema da UBI revela como os contextos locais influenciam a formação académica e prática dos futuros cineastas. Enquanto a UBI apresenta uma estrutura mais consolidada e integrada (com oferta de cursos de Mestrado em Cinema e Doutoramento em Media Artes), o ISArC reflete os desafios e as potencialidades de um sistema educacional em desenvolvimento em Moçambique. Ambas as instituições demonstram o papel transformador do ensino de cinema, embora em contextos e com prioridades distintas.

Esta análise comparativa revela que é necessário trabalhar com outras instituições e de forma transversal. Assim, uma estratégia consolidada que privilegie a mobilidade de estudantes, professores e pessoal técnico parece ser fundamental, a curto e longo prazo, para melhorar a oferta formativa de ambas as instituições a partir de processos de aprendizagem partilhados. Não bastará desenhar um plano curricular, onde, aliás, nem tudo o que queremos poderia caber. É fundamental melhorar a capacidade de relacionamento com os outros,

aprender com eles e estar também disponível para transmitir conhecimento. Isto é o que significa uma efetiva partilha de experiências e saberes.

## Referências

- Azarian, R. (04 de 2011). Potentials and Limitations of Comparative Method in Social Science. *International Journal of Humanities and Social Science*, pp. 113-125.
- Charles, E. (2019). Decolonizing the curriculum. *Insights*, pp. 1-7.
- Cinema em Português. (2024). *XVII Jornadas Cinema em Português*. Obtido de <https://www.cinemaportugues.ubi.pt/2024/>
- Departamento de Artes UBI. (2024a). *Introdução à Animação por Pixilation*. Obtido de <https://www.ubi.pt/Evento/12251>
- Departamento de Artes UBI. (2024b). *Laboratório de Documentário Interativo*. Obtido de <https://www.ubi.pt/Evento/12187>
- DGES. (2024a). *Cinema*. Obtido de Site Oficial da Direção-Geral do Ensino Superior: <https://www.dges.gov.pt/guias/indcurso.asp?curso=9048>
- DGES. (2024b). *Guia de Candidatura Cinema UBI*. Obtido de <https://www.dges.gov.pt/guias/detcursopi.asp?codc=9048&code=0400>
- Esmeralda, I. (2024). *Factos sobre a primeira instituição de ensino superior de artes e cultura do país – ISArC*. Obtido em 30 de 12 de 2024, de Design Informa: <https://www.designinforma.com/2024/02/factos-sobre-primeira-instituicao-de.html>
- ISArC. (2023). *Docentes do ISArC orientam curso de Gestão Cultural no distrito de Nhlamankulo*. Obtido de <http://www.isarc.edu.mz/index.php/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/386-nlhamankulo>
- ISArC. (2024a). *Plano de estudos Licenciatura em Cinema e Audiovisual*. Obtido de <http://www.isarc.edu.mz/images/Regulamentos/cinema.pdf>
- ISArC. (2024b). *Programa do colóquio internacional “(Re)Africanizando os espíritos: memórias, corpos e representações”*. Obtido de <http://www.isarc.edu.mz/index.php/using-joomla/extensions/components/content-component/article-categories/406-programa>
- Jorgensen, D. L. (2020). *Principles, Approaches and Issues in Participant Observation*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Karam, B. (2018). ‘An-Other’-Centred Film Curricula: Decolonising Film Studies in Africa. Em B. M. (ed.), *The Palgrave Handbook of Media and Communication Research in Africa* (pp. 111-127). Cham: Palgrave Macmillan.
- Macedo, I. (2016). Os jovens e o cinema português: a (des)colonização do imaginário? *Comunicação e Sociedade*, pp. 271-289.
- UBI. (2024a). *Plano de Estudos da Licenciatura em Cinema*. Obtido de <https://www.ubi.pt/PlanoDeEstudos/57/1954/2024>

UBI. (2024b). *UBI atinge o número de 10.000 estudantes inscritos*. Obtido de Site Oficial da UBI: <https://www.ubi.pt/Noticia/7807>

UBI. (2024c). *Universidade da Beira Interior*. Obtido de Site Oficial da UBI: <https://www.ubi.pt/Pagina/historia>

Data de receção: 02/01/2025  
Data de aprovação: 03/06/2025